

DAS CARTAS DE TARÔ: POSSIBILIDADES FORMATIVAS PARA PENSAR A PESQUISA

■ MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

 <https://orcid.org/0000-0003-0490-7227>

Universidade Estadual Paulista

■ LAURA NOEMI CHALUH

 <https://orcid.org/0000-0003-0014-7232>

Universidade Estadual Paulista

RESUMO

Neste artigo socializamos a experiência formativa, junto a estudantes da PG em Educação, no contexto da disciplina Seminários de Pesquisa em Linguagem – Experiência – Memória – Formação. Com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento de seus projetos de pesquisa, buscamos ampliar horizontes teóricos, inventivos, argumentativos, propondo, como um dos focos da disciplina, o exercício de reflexão do processo de investigação como um percurso próprio e singular. Foi proposta a leitura de “O castelo dos destinos cruzados”, de Italo Calvino, que relata a forma como um grupo de viajantes, ao se encontrar em um castelo em meio a um bosque, e impossibilitados de falar, dizem de seus percursos, compondo com cartas de tarô, em que uma carta arremata uma história e dá início a outra. Da problematização do texto, solicitamos a apresentação de uma produção/criação de uma imagem, à moda de uma “carta de tarô”, trazendo aspectos significativos das pesquisas. A leitura das “cartas de tarô”, produzidas como narrativas do processo de pesquisa vivido, é como um jogo de espelhos que duplicam percepções e sentidos. Ler as “cartas de tarô” em sua potencialidade de formação, demarcada pela linguagem em sua infinitude, remete a potentes processos de subjetivação e singularidade.

Palavras-chave: Pesquisa. Linguagem. Processos de subjetivação.

ABSTRACT

TAROT CARDS: TRAINING POSSIBILITIES TO THINK ABOUT RESEARCH

In this article, we socialize the formative experience, together with PG students in Education, in the context of the discipline Seminars of Research in Language – Experience – Memory – Formation. With the

aim of contributing to the development of their research projects, we seek to broaden theoretical, inventive, argumentative horizons, proposing, as one of the discipline's focuses, the exercise of reflection on the investigation process as its own and unique path. It was proposed to read "The Castle of Crossed Destinies", by Italo Calvino, which tells how a group of travelers, when finding themselves in a castle in the middle of a forest, and unable to speak, talk about their journeys, composing with tarot cards, in which a card completes a story and begins another. From the problematization of the text, we requested the presentation of a production/creation of an image, in the style of a "tarot card", bringing significant aspects of the researches. The reading of the "tarot cards", produced as narratives of the research process experienced, is like a game of mirrors that duplicate perceptions and senses. Reading the "tarot cards" in their training potential, demarcated by language in its infinity, refers to powerful processes of subjectivation and uniqueness.

Keywords: Research. Language. Subjectivation processes.

RESUMEN

CARTAS DEL TAROT: POSIBILIDADES DE ENTRENAMIENTO PARA PENSAR LA INVESTIGACIÓN

En este artículo, socializamos la experiencia formativa, junto a estudiantes de PG en Educación, en el contexto de la disciplina Seminarios de Investigación en Lenguaje – Experiencia – Memoria – Formación. Con el objetivo de contribuir al desarrollo de sus proyectos de investigación, buscamos ampliar horizontes teóricos, inventivos, argumentativos, proponiendo como uno de los ejes de la disciplina el ejercicio de la reflexión sobre el proceso de investigación como camino propio y único. Se propuso leer "El Castillo de los Destinos Cruzados", de Italo Calvino, que narra cómo un grupo de viajeros, al encontrarse en un castillo en medio de un bosque, y sin poder hablar, hablan de sus viajes, componiendo con cartas del tarot, en las que una carta completa una historia y comienza otra. A partir de la problematización del texto, solicitamos la presentación de una producción/creación de una imagen, al estilo de una "carta de tarot", trayendo aspectos significativos de las investigaciones. La lectura de las "cartas del tarot", producidas como narraciones del proceso de investigación vivido, es como un juego de espejos que duplica percepciones y sentidos. La lectura de las "cartas del tarot" en su potencial formativo, demarcado por el lenguaje en su infinitud, remite a poderosos procesos de subjetivación y unicidad.

Palabraclave: Investigación. Idioma. Procesos de subjetivación.

Pesquisa e formação: a título de introdução

Por entre cores fortes e suaves, formas nem sempre definidas ou definíveis, objetos em imagens, sejam figurativos ou abstratos, arabescos, curvas que escapam pela margem ou entrecruzam caminhos que diferem em direção e sentidos, rodas inacabadas, nem sempre círculos nem traçados contínuos, nuances de tons e sombreados, por entre o esboço e a imagem fugaz refletida em um espelho que não a conforma nem deforma nem complementa, ou espelho que reflete inversamente a imagem menina incompleta nos detalhes... Assim se nos apresenta o material-desafio produzido por um grupo de pós-graduandos/as. O campo aqui referido é a Educação, mas poderia ser um outro, inspirado nas metodologias que vêm à luz como “fruto [de uma] gênese tormentosa”, como nos aponta Italo Calvino (1991) ao se referir aos seus processos de criação do texto que ora tomamos como inspiração¹.

Neste trabalho socializamos a experiência formativa realizada, junto a um grupo de estudantes da pós-graduação em Educação, no contexto da disciplina Seminários de Pesquisa em Linguagem - Experiência - Memória - Formação. Todos que participam dessa disciplina são orientados por professores pesquisadores da referida linha de pesquisa, porém, destacamos que fazer parte dessa linha de pesquisa não implica em homogeneização de perspectivas teórico-metodológicas, pelo contrário, o convívio com a diferença é uma das premissas e acolhe uma diversidade de eixos que, de algum modo, se tangenciam em alguns pontos:

1 Acerca da “gênese tormentosa”, tomada de empréstimo de Calvino, nos referimos tanto às produções nas pesquisas que realizamos e ou acompanhamos como orientadoras, como seguimos em depoimentos de artistas da palavra em autores de textos literários e outros [Kafka, Lipector, Bakhtin, Carolina de Jesus], nos quais temos nos inspirado compondo reflexões teórico-metodológicas apresentadas em algumas de nossas produções.

seja pela temática, seja pela perspectiva teórico-metodológica, seja pelos modos de fazer pesquisa.²

A disciplina, oferecida anualmente no Programa de Pós-graduação em Educação, objetiva contribuir com o desenvolvimento dos projetos de pesquisa dos/as estudantes e, nesse sentido, leituras de textos científicos, de textos literários, apresentação e discussão de imagens, ou filmes e documentários, e a prática da escrita contínua se fazem presentes como forma de ampliar horizontes teórico-metodológicos, na busca de serem inventivos, preconizando o teor argumentativo das respectivas pesquisas. Um dos focos da disciplina é o exercício contínuo de reflexão do processo de investigação, como um percurso que é próprio, singular.

Uma questão que enfatizamos é que a disciplina possibilita discutir, no coletivo, os projetos de pesquisa de cada um/a dos/das participantes, recorrendo a estratégias diversas que os materiais de leitura ou filmes ou imagens, diversas, disparam. É fundamentalmente um espaço para aprofundamento teórico-metodológico, mas acreditamos que a força dos encontros esteja na construção coletiva de alguns encaminhamentos e fundamentalmente de instigar, exercitar, provocar desafios aos estudantes de modo a dar um (in) acabamento à sua própria obra, sua pesquisa, em um movimento de olhar de fora para seu próprio trabalho.

Em um movimento de pesquisar sua própria pesquisa, um dos desafios postos em pauta é olhar para ela com um olhar exotópico, como num excedente de visão (Bakhtin, 2003). Segundo Bakhtin (2003, p. 22), ao falar em excedente de visão, temos que nos identificar com o outro e ver o mundo através do seu sistema de valores:

2 Este artigo é uma versão revisada, ampliada e atualizada de um trabalho apresentado no IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica, realizado na Universidade de São Paulo, entre os dias 26 e 29 de julho de 2010.

[...] colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento.

Segundo Amorim (2003), é nos primeiros textos de Bakhtin que aparece o conceito de “exotopia”, ou seja, desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior. A autora considera que é esse lugar exterior que permite que se veja do sujeito, nesse caso, do sujeito pesquisador/a, autor/a de sua própria pesquisa, algo que ele/ela próprio não pode ver. A mesma autora considera que “a obra de arte é lugar de tensão porque entre o eu e o outro, entre o retrato que faço de alguém e o retrato que ele faz de si mesmo, há sempre uma diferença fundamental de lugares e, portanto, de valores” (p. 14).

Podemos compreender o *outro*, quando este se nos apresenta como estranho e, nesse sentido, o caminho para isso não é a empatia nem a identificação com ele. Assim, a alteridade existe, o outro existe porque existe um lugar exterior, uma dissimetria, condições que vão permitir compreender o *outro*. Mesmo nos casos em que o pesquisador não se diferencia em nada do sujeito de pesquisa, seja porque pertence à mesma classe social, ou à mesma geração etc., Amorim (2004) considera que a diferença aparece no mesmo ato de pesquisa, quando tornamos aquele sujeito como um *outro*. Por esse motivo, a mesma autora considera que sem o reconhecimento da alteridade não existe objeto de pesquisa.

Colocar esse sujeito no lugar de objeto de estudo instaura entre o sujeito cognoscente e o sujeito a conhecer uma relação de alteridade fundamental que emerge de uma diferença de lugar na construção do saber. O outro se torna estrangeiro pelo simples fato de eu pretender estudá-lo (Amorim, 2004, p. 31)

Na tentativa de que os alunos olhem para suas pesquisas como um *outro* é que fazemos algumas proposições de trabalho. Essas proposições exigem um olhar exotópico, exigem um posicionamento de alteridade, o que implica também distinguir o mundo ético e o mundo estético.

A ética inclui-se, assim, em um conjunto de obrigações e deveres concretos “assinados” pelo sujeito, que não pode se valer de álibi para quaisquer de suas ações, ao passo que a estética busca representar o mundo a partir do afastamento do sujeito-autor, em um lugar de fora, na “fronteira”. Interessante chamar a atenção para o fato de que um processo está imbricado no outro. Não se pode pensar em atividade estética sem posicionamento, por exemplo. (Brasil, 2014, p. 20)

Assim, no processo de pesquisa, o fazer a pesquisa no mundo ético da vida, assumindo a responsabilidade pelos encaminhamentos e escolhas que definem o próprio fazer, ao longo da disciplina vamos caminhando para o mundo estético, aquele momento no qual os alunos enxergam o seu fazer representado, (re) apresentado, interpenetrado, integrado ao mundo da cultura, nesse caso, da cultura letrada, movimento que possibilita que os/as estudantes se assumam sujeitos-autores/as.

Talvez a perspectiva bakhtiniana abra caminhos para legitimar que os/as pós-graduandos/as se enxerguem como autores, criadores, responsáveis por aquilo que assumem enquanto escolhas de temáticas, discussões teórico-metodológicas. Talvez a disciplina os/as coloque em um lugar de autoria que até então não tenham vivenciado.

Ainda no diálogo com Bakhtin (1997, p. 59)

Só porque vemos e ouvimos algo não quer dizer que já percebemos sua forma artística; é preciso fazer do que é visto, ouvido e pronunciado a expressão de nossa relação ativa e axiológica, é preciso ingressar como criador no que se vê, ouve e pronuncia, e desta forma superar o caráter determinado, material e extra-estético da forma, seu caráter de coisa: ela deixa de existir

no nosso exterior como um material percebido e organizado de modo cognitivo, transformando-se na expressão de uma atividade valorizante que penetra no conteúdo e o transforma.

Da proposta: “O castelo dos destinos cruzados”. O livro.

Em diversas oportunidades, e nesse texto destacamos duas, fizemos a leitura do texto de Italo Calvino, “O castelo dos destinos cruzados”; destacamos as realizadas no ano de 2012 e 2013.

O texto relata de que forma um grupo, constituído por viajantes, ao se encontrar em um castelo, em meio a um bosque, e impossibilitados de falar, optam por se comunicar e dizer de seus percursos a partir de uma carta inicial de tarô, num desafio de compor sua história. A partir da primeira história, a carta final é sempre a que inicia a história que vem a seguir. O narrador, no texto de Calvino, é um dos viajantes que, caminhando em meio a um denso bosque, atravessa uma ponte levadiça desconjuntada, encontra e adentra um castelo, observa, se posiciona em primeira pessoa quando narra, entrega-se a estranhamentos enquanto descreve com o que se depara. Ao mesmo tempo que marca a distância de quem observa, descreve e narra, como alguém que se põe fora, não se furta a um certo pertencimento ao grupo quando tenta articular um “Bom proveito!” à mesa com os demais comensais e o som lhe foge da boca. Ou quando assume um “Começamos a espalhar as cartas...” em uma aparente escorregadela de linguagem que lhe possibilita ser de um grupo.

Era um baralho de tarô com cartas de formato maior do que essas com que se jogam partidas ou com as quais as ciganas predizem o futuro, e podiam-se reconhecer aproximadamente as mesmas figuras, pintadas com os esmaltes das mais preciosas miniaturas. Rei rainha cavaleiros e peões eram jovens vestidos com luxo como para uma festa principesca; os vinte e dois Arcanos Maiores pareciam tapeçarias antigas de um

teatro de corte; as copas ouros espadas paus esplendiam como divisas heráldicas ornadas de frisos e frontões.

Começamos a espalhar as cartas sobre a mesa, descobertas como para reconhecê-las e dar-lhes o devido valor nos jogos, ou o verdadeiro significado na leitura do destino (Calvino, 1991, p. 13).

A tensão que é impressa entre posicionar-se olhando e narrando e, ao mesmo tempo, integrando-se no desenrolar dos acontecimentos, gera um espaço de possibilidades de leituras outras, cruzadas, interpostas, interpenetradas, quaisquer que sejam as fontes materiais ou os sujeitos participantes ou os modos operacionais, num afã inerente a um fazer, narrar, compor, olhar, ler, interpretar coletivamente produzidos.

Assim, se nos apresentam as cartas de tarô como imagens que, interpretadas, dizem a que vieram; mais do que a imagem que se lê, histórias são dadas a ler. Por mais cuidadosa que seja a descrição, ou a (as) nomenclatura(s) das cartas, não garantem um sentido. Abrem-se a interpretações que são próprias de quem as lê. Fomentam espaços de criação de quem narra. Talvez beiremos a um processo de interlocução na sua imanência na relação com o outro.

Seguindo a “Nota” postada ao final de “O castelo dos destinos cruzados”, o livro, ter as cartas em mãos – são dois jogos de cartas de tarô –, guardadas as diferenças entre o tempo de sua produção – um do século XV e outro impresso em 1761, século XVIII –, resulta em uma diferença estética. Manipulá-las em combinações quase ao infinito em busca de um percurso regular, ou de uma sequência, ou da possibilidade de constituição de um eixo narrativo, não é garantia de um resultado que acalme o pensamento.

Calvino perdurou seu contato por anos a fio enfurnado no labirinto das referidas cartas, com intervalos de distanciamento que variavam, atravessando noites em que se vislumbra-va uma nova combinação, e considerando ainda

que, na imediatez do feito, outros efeitos sucediam abrindo-se a tantas outras combinações tão instigantes quanto a inicialmente vislumbrada. E o que dizer do texto escrito daí decorrente? Anotações esparsas como que cada qual se fechasse sobre si mesma. Fragmentos de narrativa. O texto escrito daí decorrente “pode ser considerado um arquivo dos materiais acumulados pouco a pouco, ao longo de estratificações sucessivas de interpretações iconológicas, de humores temperamentais, de intenções ideológicas, de escolhas estilísticas” (1991, p. 156). Como leitores, leitoras, cada um/a de nós, participantes do processo, no percurso de cada história que compõe “O castelo dos destinos cruzados” ou “A taverna dos destinos cruzados”, a segunda narrativa que compõe o livro, um manancial combinatório de cartas de tarô dá vida a histórias de personagens que ganham materialidade numa linguagem de ficção. Michel Foucault, de seus estudos de Blanchot, em “O pensamento do exterior”, nos alerta acerca da linguagem da ficção na sua potência de aliviar as imagens de suas sobrecargas, tomando-as pela “transparência interior que pouco a pouco as ilumina até fazê-las explodir e as dispersa na leveza do inimaginável (2009, p. 225). Para Blanchot, nas palavras do autor, as ficções, serão

mais do que imagens, a transformação, o deslocamento, o intermediário neutro, o interstício das imagens. Elas são precisas, e só têm figuras desenhadas na monotonia do cotidiano e do anônimo; e quando dão lugar ao encantamento, não é jamais nelas próprias, mas no vazio que as circunda, no espaço onde elas são colocadas sem raiz e sem fundações. O fictício não está nas coisas e nem nos homens, mas na impossível verossimilhança do que está entre eles: encontros, proximidade do mais longínquo, absoluta dissimulação lá onde estamos. A ficção consiste, portanto, não em mostrar o invisível, mas em mostrar o quanto é invisível a invisibilidade do visível. (Foucault, 2009, p. 225).

Nessa perspectiva, a proposta de nossa atividade, para além das imagens que ficam mar-

cadas por cores, formas, nuances, traçados que são diversos, nas cartas de tarô, é uma aposta na potência de produção de pensamento que emerge no interstício entre as histórias de uns [personagens], potência que transforma, que muda, se desloca, gera distância e o pôr-se na exterioridade da relação pesquisador/a em formação e seu projeto de pesquisa, para pensá-la, essa relação, de um outro lugar.

Imagem 1 - Carta de tarô. Indagações produzidas.



Foto: “Carta de tarô”

Fonte: Arquivo das autoras.

Da inspiração de “O castelo dos destinos cruzados” ao impasse do fazer pesquisa

A título de recapitulação: anotações esparsas como que cada qual se fechasse sobre si mesmas. Fragmentos de narrativa. O texto escrito daí decorrente “pode ser considerado um arquivo dos materiais acumulados pouco a pouco, ao longo de estratificações sucessivas de interpretações iconológicas, de humores tem-

peramentais, de intenções ideológicas, de escolhas estilísticas” (Calvino, 1991, p. 156).

Como o impasse a que chega Italo Calvino, por conta das agruras do texto escrito, quando da finalização de “A taverna dos destinos cruzados”, do qual só se libertará quando publicá-lo em livro – e ainda tem o período das provas em que pode ser modificado –, assim também nos deparamos, no decorrer dos trabalhos da disciplina Seminários de Pesquisa em Linguagem - Experiência - Memória - Formação, com os/as pós-graduandos/as em seu processo de pesquisa. (Abrimos parênteses para dizer que talvez seja a condição de todas nós...).

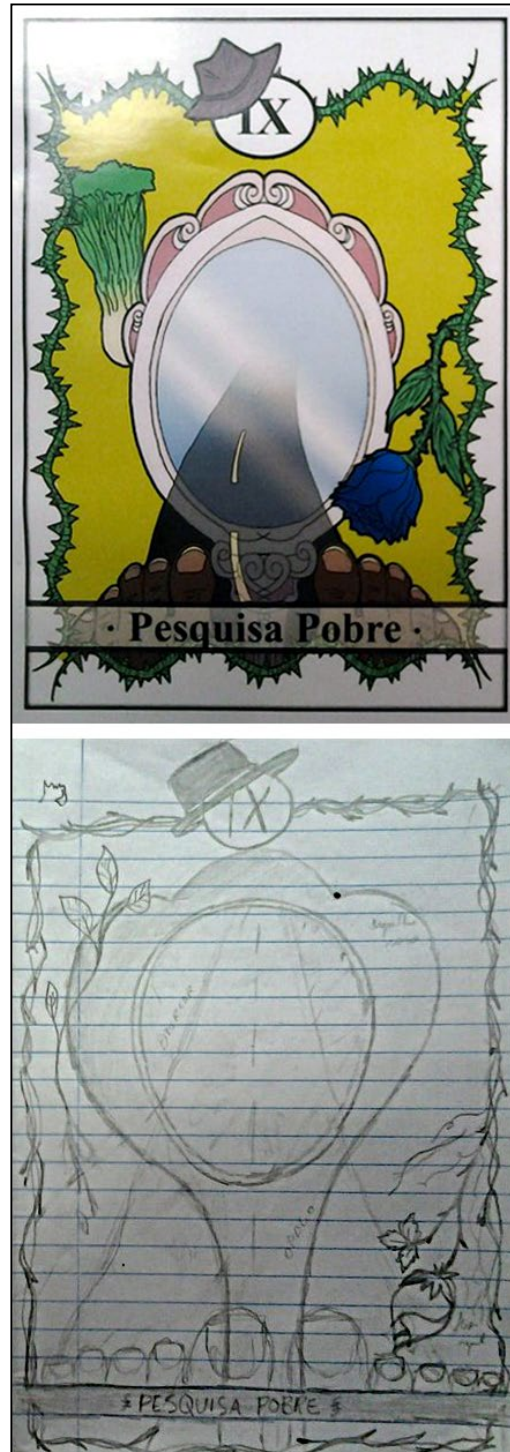
Nessa condição de impasse em que se tem objetos materiais para o estudo – às vezes lacunar, às vezes farto demais, às vezes posto em dúvida quanto à sua validade; em que o objetivo do estudo parece escapar a todo momento –, o que se acredita eixo organizador se mostra, às vezes, fluido demais quanto ao que se propõe, às vezes camisa de força a se adequar; em que a ancoragem teórica basilar se nos apresenta quase como uma resposta direta, o que põe em questão a originalidade da proposta de pesquisa, ou como algo discrepante em que cada autor parece dizer algo que ‘nada casa com nada’. Enfim, uma condição de impasse que gera um vazio entre o sujeito pesquisador/a e seu projeto de pesquisa.

A nós, coordenadoras da disciplina Seminários de Pesquisa, cabe o desafio, não de superar tal condição de impasse, mas de torná-lo vazio-invenção. Invenção de possibilidades. Invenção de discussões das dificuldades que não são de um ou uma, o que se dá a ver na interlocução no espaço fértil do coletivo. Invenção de outros modos de pensar no fazer da pesquisa.

Juntando-se à problematização do texto de Calvino, vem a tarefa-desafio. Solicitamos que fosse apresentada uma produção/criação de uma imagem, à moda de uma “carta de tarô”, que trouxesse aspectos significativos das pes-

quisas, algumas em fase inicial, outras já em andamento, fossem esses aspectos condizentes com caminhos delineados ou com as dúvidas incessantes que carregam uma pesquisa. No encontro seguinte, as imagens são apresentadas para o grupo com breve relato de seu autor/sua autora.

Imagem 2 - Carta de tarô espelhada. Cores e rascunho.



Fonte: Arquivo das autoras. **Foto:** “Carta de tarô”.

Imagem-criação

Algumas das imagens “carta de tarô” produzidas, neste trabalho apresentadas, podem dar uma certa dimensão de um fazer pesquisa que vai se configurando na e pela diversidade das próprias imagens geradas, no vazio que a ‘perda’ do objeto por vezes entra, numa roda que mais se assemelha a uma “gênese tormentosa”. O percurso é longo, mais labiríntico do que de descobertas, em nenhuma das “cartas de tarô” produzidas pudemos perceber quaisquer indícios de obviedade com relação ao seu projeto de pesquisa, ou mesmo objeto de estudo; no entanto, projeto e objeto estavam ali, deslocados, sem lugar fixo, móveis, ampliando-se a gama de perguntas que cada um/uma se fazia enquanto apresentava sua “carta”, surpreendendo-nos, como coordenadoras, o que se produziu em pensamento. Pensamento prenhe de infindáveis desafios.

Nos limites deste trabalho, socializamos uma das produções, imagem e escrita que descreve sua pesquisa, de uma das alunas que cursou a disciplina no ano de 2013, Eliane³. Para melhor entendimento de sua “carta”, a seguir dizemos de seu projeto de pesquisa. Para isso, trazemos parte do resumo socializado na época para o grupo todo. Nesse texto, além de dizer do lugar de professora interessada na formação de sujeitos leitores/as e escritoras,as, ela mostra o movimento que a levou a querer compreender o movimento gerado por um grupo de pessoas que fazem poesia e descreve como teve contato com esse grupo no curso onde ministrava aulas.

[...] Outro “aluno” desta turma é E.N.P., rapper e representante da literatura marginal periférica, que escreve poemas em forma de crítica social e, há pouco tempo, publicou um livro intitulado “Poesias de um mundo louco”. Olhar atento e crítico, questionador, em um relato, descreve

3 Nosso agradecimento a Eliane Aparecida Bacocina, então aluna no Curso de Doutorado, por permitir-nos socializar seus escritos.

que foi muito criticado, nos tempos escolares, pelos erros de português que apresentava em seus textos e, se não fosse pelo incentivo de outras pessoas e pelo contato com o rap, não teria chegado a lugar algum. Como nos anos anteriores, convidei esse aluno a se apresentar em uma das aulas e, como levou seus amigos do grupo, fiz contato com outra organização, o **Sarau das Ostras**, que se utiliza de cenários diferenciados (ruas, praças, espaços informais) para apresentarem sua arte. Em um número de quatro integrantes, eles criaram em sala de aula, um ambiente denominado poetry slam, uma espécie de desafio em que, um de cada vez, ocupa o centro da sala para declamar seus poemas. Ao final, um convite à turma de alunos: “Mais alguém aqui escreve poemas?” Fica o espaço para que ocupem o centro ou a frente da sala e declamem poemas seus ou de memória. Muitos vão à frente, alguns um pouco tímidos, para mostrar ao grupo poemas que conhecem ou que escreveram em algum momento de suas vidas.

Vivencia-se, mais uma vez, uma experiência de escrita que ultrapassa os espaços academicamente pensados para desenvolver conhecimento. Por meio da escrita e da leitura, o cenário da sala de aula torna-se emancipador.

Posso dizer, portanto, que os sujeitos / atores / protagonistas citados e o grupo do qual eles fazem parte, bem como o modo como olho para eles, a partir de um processo de construção que faz parte de minha caminhada acadêmica e pessoal, são os pontos de partida da pesquisa que se delineia neste projeto de Doutorado (Eliane, out. 2013).

Eliane vai se entranhando numa relação de vida e ciência, vida e pesquisa. Pesquisa que ganha sentido no ato singular do qual ela participa enquanto educadora.

Inevitavelmente é no mundo vivido como singularidade, no mundo da *vivência* única, que cada um se encontra quando conhece, pensa, atua e decide; é daqui que participa do mundo em que a vida é transformada em objeto e situa a identidade sexual, étnica, nacional, profissional, de status social, em um setor determinado do trabalho, da cultura, da geografia política etc.

Por isso, o que unifica os dois mundos é o evento único do ato singular, participativa, não indiferente (Ponzio, 2010, p. 21).

Imagem 3 - Carta de tarô. Roda como abertura ...



Foto: "Carta de tarô".

Fonte: Arquivo das autoras

É no mundo ético da vida, no ato singular de uma produção, que Eliane assume sua responsabilidade enquanto professora e pesquisadora, inquieta pela emancipação dos sujeitos, inquieta por querer saber como promover contextos que favorecem a emancipação dos sujeitos... Inquieta porque não se propõe, como pesquisadora, a explicar ou categorizar ou analisar, ou... mas manter viva a chama que emana de seus sujeitos escritores/as poetas marginais que se põem no centro da roda e puxam o cordão abrindo alas para outros que chegam. Uma de suas questões maiores: como garantir que isso aconteça?

Na produção de Eliane, a imagem veio seguida de um texto.

*Do tarô tiro uma carta.
No centro, uma roda.
Roda da Fortuna?
Roda de pessoas, rodeadas de palavras.
Palavras embaralhadas, escritas, pronunciadas...
Algumas com ritmos, rimadas.
Palavras que rodam, rodeiam.
Fazem pensar, criar, voar...
Movimentos rodeantes.
Quem gira a roda?
O Destino?
As pessoas em movimento?
Alguém que diz "Abracadabra"?
Parece-me que o que faz a roda girar
É o movimento das palavras.*

*Onde me encontro nesta roda?
No centro ou ao redor?
Em meio às letras, formando palavras?
Sentindo sua potência, sua pulsão?
O tarô diz o futuro.
Qual a previsão?
Prepare-se. Virão chuvas, trovoadas, imprevistos.
Acontecimentos inusitados.
Dias de sol também. Por que não?*

*Lá vai a roda girando...
Rodam as pessoas, os poemas, as palavras...
Roda a mente e o coração (Eliane A. Bacocina)*

A questão posta em pauta no dia da apresentação desta pesquisa foi a roda. A pauta da escrita que acompanha a imagem acima apresentada também foi a roda. O que pode uma imagem? Roda que gira porque pergunta leva a pergunta, imagem remete a texto escrito que remete a imagem. A imagem indicia a pesquisadora no centro de uma roda, pesquisadora que coordena uma proposta de sujeitos autores, sujeitos anônimos que se descobriram escritores de poesia.

A roda, imagem, (des)figurada, é um indício que merece uma discussão no contexto da pesquisa de Eliane. O poema, palavras, inspirado talvez na imagem. Ou a inspiração vem dos poemas dos sujeitos de sua pesquisa, poetas? O que uma roda potencializa? Roda, talvez um círculo de cultura? Talvez uma roda cirandeira?

Talvez uma roda de samba? Talvez uma roda de capoeira? Talvez a roda como interlocução que permite que as pessoas “digam suas palavras”? Que “digam suas palavras” quaisquer que sejam os lugares de onde falam? Uma roda, talvez, como entrelaçamento de sujeitos que se potencializam para coletivamente entrar em um processo de criação e de brincar com as palavras?

A roda apareceu nesse encontro com os pós-graduandos como um achado, como um aspecto que merecia, a partir desse momento, ser colocado em outro patamar. Ou no centro, no dentro da roda. Ou no fora da roda. Ou atravessando a roda. De todo modo, escapa à circularidade da roda. Como uma pedra bruta que se oferece a ser lapidada, pedra passível de tornar-se um tesouro a ser desvelado porque nesse tesouro/roda talvez fosse possível entender a pergunta anteriormente explicitada: o que pode uma roda? Talvez a potência da roda seja olhar para ela como espaço de formação e de emancipação das pessoas que dela participam, roda que remete a uma formação em que a primeira ou a última carta é definida por quem narra sua história resguardando marcas intensas de singularidades, ou que remete a uma pesquisa que se projeta em eixos ou desejos ou questionamentos ou dúvidas que se tocam e se trocam num fazer coletivo preñado de interlocuções.

Das cartas que provocaram o processo de pesquisa: novos caminhos

Neste ponto, gostaríamos de deixar em evidência os ecos que a proposta das cartas de tarô e a leitura de Calvino provocaram no processo de pesquisa de uma das alunas que participou da referida disciplina.

Joseane traz para o trabalho final da disciplina a potência da roda, das cartas, de Calvino.

Também ela aponta para a questão da roda, como Eliane. Como já referido, um dos objetivos do Seminário de Pesquisa era a socialização e problematização dos projetos de pesquisa que estavam em andamento. Assim, para além das discussões teórico-metodológicas com alguns referenciais nos quais acreditamos, e aos quais nos alinhamos, no intuito de pensar e fazer pesquisa, em alguns encontros os professores orientadores dos alunos das disciplinas são convidados a participar para discutir todos juntos sobre encaminhamentos das pesquisas. Joseane, no seu trabalho final, conta essa apresentação dos projetos e já fala deles como se fossem cartas; cartas de apresentação, cartas que indiquem modos e formas de se pensar e fazer ciência, exercícios de pesquisa que se abriam ao outro, a ser pensado em um coletivo:

[...] Eis que tudo começa naquela roda, um espaço construído para o desenrolar das histórias. Eis que as cartas também são postas, coincidentemente, na maioria dos dias, também de três em três. Três dessas pessoas por dia expunham suas cartas. Eram essas cartas que uniam, de certa forma, aquele grupo. Eram as cartas que possibilitavam o diálogo entre eles, o pensar junto. Não eram exatamente cartas de tarô. Tinham nomes mais sofisticados: metodologia, eixo temático, objetivos, dados, referência bibliográfica, enfim cartas essas pertencentes ao baralho da pesquisa [...] (Trecho do Trabalho Final Joseane, Nov.. 2013).

Foi Joseane também que, no trabalho final da disciplina, retomou a proposta de trabalho com as cartas de tarô, aquelas cartas desenhadas, pinceladas, bricoladas, coloridas, cada uma indiciando singularidades próprias do pesquisador e das questões que levantava e de suas temáticas. Joseane assim relatou no seu trabalho final:

Como todo bom baralho de tarô também tínhamos a carta do amor, da paixão. Sim, era a carta dos olhos azuis, que representava a arte produzida no litoral de São Paulo. Poesias em forma de livros e música, trazida para nosso castelo

por trás do olhar investigativo de Eloíza⁴. Outra carta virada, a carta da transformação, do revolucionário, e nada como o estudo partindo dos jovens para que o novo criasse vida aos olhos de Heitor. Havia cartas mais migrantes, como de Carla e sua descoberta do espaço geográfico nos desenhos infantis, ou de Fabiana que fez de sua pesquisa uma verdadeira e literal caminhada. E como todo bom conto, toda boa história, não poderia faltar num jogo de tarô a carta da morte. Sim, até a morte teve sua representatividade no nosso baralho de pesquisa. Uma morte cuja representatividade era a própria vida. Uma série de corpos, de carnes, de atividades humanas e poéticas nos dados investigativos de Alex. Carta virada era carta na roda. Carta na roda era carta pública. E carta pública era carta voltada pro seu dono com uma nova túnica (trecho do Trabalho Final. Joseane, Nov. 2013).

Joseane estava tomada pelas cartas, pela poesia, pelas histórias das/os narradoras/es pesquisadoras/es que, nos entrecruzamentos de suas vidas, publicizavam seus conhecimentos, sentimentos, vida... Eloíza com seu projeto de poesia, Heitor procurando que os alunos assumissem os colegiados na escola, Carla preocupada com o entendimento do estudo geográfico pelos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, Fabiana que trazia a questão da entrevista caminhante, a morte tratada por um outro colega.

Carta pública que ganhava uma nova túnica, novos sentidos. Nova túnica que implica em novas compreensões e que ampliava os horizontes de compreensão desses alunos narradores viajantes no castelo da vida-pesquisa.

A literatura de Calvino tinha provocado, porque a literatura e a ciência andam juntas, produzindo o novo, ambas, territórios férteis de pensamento e pesquisas. Estariam elas compartilhando o mesmo espaço? Alves (2002) explicita quatro movimentos necessários a serem realizados pelo pesquisador para poder compreender a complexidade do cotidiano da

escola. O primeiro movimento exige do pesquisador que sinta o mundo e não só olhe o mundo do alto ou de longe. Assim, o/a pesquisador/a precisa fazer “um mergulho com todos os sentidos” (p. 15). O segundo movimento é “virar de ponta cabeça” (p. 15). Os fatos e as questões a serem analisados são complexos e, por isso, é preciso inverter o processo de pesquisa: ao invés de dividir, para analisar, será preciso multiplicar (as teorias, os conceitos, as fontes, os métodos etc.), será necessário estabelecer entre eles redes de múltiplas e complexas relações. O terceiro aspecto é “beber em todas as fontes” (Alves, 2002, p. 15). Pesquisar o cotidiano [ou além do cotidiano] implica ir além dos modos de produzir conhecimento do pensamento herdado, ou seja, buscar outras fontes, antes consideradas dispensáveis e até suspeitas. Por último, segundo Alves (2002), temos que transmitir o que for aprendido, produzindo outras formas de escrever: “narrar a vida e literaturizar a ciência” (p. 16). Implica produzir conhecimento a partir de uma escrita que se expresse em múltiplas linguagens, que não obedeça à linearidade; que pergunte muito mais do que dê respostas; que duvide do próprio ato de afirmar; que diga e desdiga.

Literaturizar a ciência implica em assumir uma outra concepção do ato de pesquisar. Pesquisamos não para procurar verdades e generalizar, pesquisamos para melhor compreender os outros e a nós mesmos.

Não sou um educador, não sou um especialista em educação. [...] Não há nenhuma novidade em dizer que o modo de conhecimento estético difere do modo de conhecimento científico e mesmo do modo de conhecimento filosófico. A arte, a poesia são na verdade expressões questionadoras de todo o conhecimento estabelecido e até mesmo do próprio conhecimento estético. O artista é um questionador permanente da cultura, muito embora isso não implique uma atitude niilista com respeito à cultura. É uma atitude tacitamente crítica, porque privilegia a ex-

⁴ Os nomes dos alunos da Pós-graduação são fictícios.

periência existencial, afetiva, em face do mundo conceitualizado. [...] Desse modo, o cientista, o filósofo, o sociólogo também questionam a cultura, mas diferentemente do poeta e do artista. Aqueles querem substituir um conceito por outro conceito. O artista não. O artista questiona a própria conceituação da realidade. Ele se nega à generalização que dissolve a experiência vivida no conceito abstrato (Gullar, 1989, p. 152-157).

Joseane, como ela mesma falou, se apropriou de sua “túnica nova” e com ela se reuniu com um grupo de 12 professores de uma escola estadual de uma cidade do interior do estado de São Paulo, para compreender de que modo eles reconheciam e significavam os saberes construídos no encontro com os seus respectivos alunos no cotidiano escolar. Joseane, assim como Calvino, abriu o castelo para acolher esses 12 professores que aceitaram o convite de jogar com as cartas de tarô. As cartas se tornaram públicas e foi possível fazer um tecido de saberes construídos por aqueles caminantes, que nas suas singularidades compartilhavam experiências e saberes que, ao serem pronunciadas, ganharam uma outra visibilidade. Participantes da pesquisa, sujeitos que com seus dizeres nos implicam nas suas histórias, trazendo a subjetividade nos processos de pesquisa, pesquisa como processo de criação.

É Bakhtin (2003, p. 326) que considera a *pesquisa como um processo criador*, o que implica, necessariamente, levar em conta a *vida* e os *acontecimentos* compartilhados com os sujeitos da pesquisa. Nesse processo, tanto objeto como sujeito vão se criando no processo da pesquisa.

Travessias da pesquisa. Do bosque à roda. Considerando...

Foram feitas leituras socializadas das “cartas de tarô”, produzidas como narrativas que adentram o processo de pesquisa vivido, como um jogo de espelhos, que não têm limites porque duplicam percepções e sentidos. O texto não é somente o

texto, a pesquisa não é mais a pesquisa, a história – da imagem produzida para dizer da pesquisa – não garante a permanência do que se tinha como objetivo da pesquisa, o que se conta muda a cada olhar. Ou a cada imagem que se produz. Amplia-se o rol das perguntas.

Talvez seja o efeito da “máquina narrativa combinatória” (Calvino, 1991, p. 152), com efeitos que carregam invenção, que não preenchem vazios, ao contrário, como umbrais que se prestam a travessias, movimento, turbilhão de pensamento.

Tudo começou com um sim, como diria Clarice Lispector (1990). Sim à entrega à leitura do texto de Calvino, sim ao convite para entrar no emaranhado do bosque com as quase infinitas possibilidades de encontros e desencontros que uma discussão provoca, sim à realização de uma tarefa que talvez escape um pouco do que se convencionou ser uma tarefa acadêmica, sim ao desafio de pensamento que faz girar rodas.

Na esteira de pensamento que faz girar rodas, para além da paciência reflexiva (termo trazido de Foucault, 2009), que sempre se volta para dentro dela mesma, o trabalho com as “cartas de tarô” desborda rumo ao vazio-invenção. Invenção de possibilidades, como dito. Invenção de outros modos de pensar no fazer da pesquisa. E pelo exercício da ficção adentramos ao

vazio da linguagem pensada em sua imanência fugidia, nos interstícios entre o dito e o não-dito discursivos, na palavra que se torna frágil ao nomear, [pressupondo-se] um estado de vácuo então constituído longe das amarras de sentidos atribuídos. Nesse vácuo encarna-se a abertura quase ao infinito para um pensamento de si, a potência de um pensamento (de)formação. (Camargo, 2018)

Aportando-nos na linguagem, no vazio preme que entremeia texto e imagem, e daí sua perspectiva de infinitude de sentidos, como nos apresenta Foucault (2009), lemos as “cartas de tarô” em sua potencialidade de forma-

ção que, demarcada pela linguagem, remete a processos de subjetivação e singularidade, pelo potente processo de invenção, no ato próprio de pensar um projeto de pesquisa, numa disciplina, num curso de pós-graduação.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In*: OLIVERIA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-38.

AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. *In*: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM e SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (Orgs.). **Ciências humanas e pesquisa**: leitura de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003. p. 11-25.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004. p. 23-92.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRASIL, Rosa Maria de Souza. Do ato fotográfico ao texto escrito: experiências em (com)vivências estéticas. *In*: BRASIL, Rosa; MIOTELLO, Valdermir. **O fora da escola**: dinâmicas em vivências no cotidiano. Belém: L&A Editora, 2014. p. 11-36.

CALVINO, Italo. **O castelo dos destinos cruzados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins. Literatura - Experimentação - Vácuo. Aportes para uma política de formação. *In*: MIGNOT, Ana Chystina, MORAES, Dislane Zerbinatti, MARTINS, Raimundo (org). **Atos**

de biogr@far: narrativas digitais, história, literatura e artes. Curitiba: CRV, 2018. p. 39-49.

CHALUH, Laura Noemi. Professores em formação: aprendizados na roda de samba. *In*: CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins; LEITE, Cesar Donizetti Pereira; CHALUH, Laura Noemi. **Linguagens e Imagens**: educação e políticas de subjetivação. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii, 2014. p. 113-137.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GULLAR, Ferreira. Educar o educador. *In*: GULLAR, Ferreira. Indagações de Hoje. Rio de Janeiro: José Olympo, 1989. p. 152-157. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/6/3/educar-o-educador>. Acessado em: 14 jan. 2025.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**: estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes S.A., 1996.

LARROSA, Jorge. Palavras desde o limbo. Notas para outra pesquisa na Educação ou, talvez, para outra coisa que não a pesquisa em Educação. Revista **Teias** v. 13, n. 27, 287-298, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24265>. Acessado em: 05 set. 2024.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 9-37.

Recebido em: 25/05/2025

Revisado em: 30/09/2025

Aprovado em: 04/10/2025

Publicado em: 10/10/2025

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000). É livre-docente em Didática pela Universidade Estadual Paulista. Atualmente é professora adjunta (aposentada) na

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Vice-líder do Grupo de Estudos Escola, Formação e Alteridade (GREEFA, UNESP, CNPq). E-mail: mr.camargo@unesp.br

Laura Noemi Chaluh é Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Rio Claro. Livre docente em Pesquisa Educacional e cotidiano escolar. Líder do Grupo de Estudos Escola, Formação e Alteridade (GREEFA, UNESP, CNPq). Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Linguagens Experiência e Formação (GEPLinguagens, UNESP, CNPq). E-mail: laura.chaluh@unesp.br